



Ana Luiza Figueiredo | Graduada em Publicidade e Propaganda pela UFRJ, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFF. Atua como produtora de conteúdo, revisora e redatora publicitária. Possui material publicado em sites, revistas, antologias e periódicos acadêmicos. É autora do livro infantil *O Mirabolante Doutor Rocambole*, finalista no Prêmio Off Flip de Literatura. Também foi finalista no Concurso de Contos Paulo Leminski e Menção Honrosa no Concurso Literário Felipe D'Oliveira. E-mail: analuiza.dfigueiredo@gmail.com

A Vida Invisível de Eurídice Gusmão

O romance de estreia de Martha Batalha precisou ser acolhido no exterior para ganhar uma edição nacional. Mesclando fatos verídicos e ficção, o livro traz a história de Eurídice Gusmão, “a mulher que poderia ter sido”.

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar. (p.12)

No que parece uma brincadeira com o título, Eurídice desaparece em alguns capítulos para dar espaço à história de personagens que, como ela, tiveram os

caminhos enviesados pelo fato de serem mulheres. Mas não se deixe enganar por esses sumiços. Enquanto o leitor se envolve com outras desventuras (sem dúvida fascinantes), Eurídice está arquitetando novos projetos e estratégias. Quando a reencontra, o leitor se depara com uma mulher ainda mais interessante — mesmo que esconda seus talentos sob a fachada de esposa pacata, cuidadora do lar.

A escrita é fácil e humorada, o que não significa apelativa ou reducionista. A narrativa não se apoia em clichês para construir seus personagens, nem poupa complexidade nas relações e acontecimentos estabelecidos. As situações apresentadas são familiares ao leitor, recebendo uma abordagem tão tocante quanto cômica, que flerta em diversos momentos com a ironia.

Martha se coloca como narradora, o que deixa claro desde a primeira página do livro (uma introdução ao romance, preparando o leitor para reconhecer naquela trama algumas figuras que fazem ou já fizeram parte de sua própria vida). Ela conversa com esse leitor contemporâneo, antevê seu estranhamento e apresenta as justificativas necessárias para as atitudes de cada personagem, sem lançar mão de didatismo.

O foco do livro é a vivência feminina entre as décadas de 1940 e 1960, mas há pinceladas em problemáticas como racismo, preconceito e desigualdade social, corrupção, autoritarismo, entre outras que ainda se fazem tão presentes.

Tendo um enfoque sobre a vida das mulheres, o romance explora diversas facetas da violência sofrida por elas. Seja na educação que recebem, na relação com seus parceiros, nas dores do papel de mãe, na austeridade da vida conjugal, na exploração de seus corpos ou nas expectativas que as envolvem.

Um aspecto interessante do livro é que os personagens masculinos, apesar de secundários, têm suas histórias e sentimentos muito bem explorados, sendo provável que o leitor simpatize com eles. Mas há uma constante na trama. Em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, quase todos os homens são agressores de suas filhas, esposas, amantes, empregadas domésticas, conhecidas ou freguesas. Os poucos que não o são, permanecem omissos diante dos abusos.

Essa característica não é gratuita. É isso que uma sociedade machista, como o Rio dos anos de 1950, permite. Ela faz com que homens — sejam sensíveis, instruídos, engraçados ou atraentes — agredam mulheres em vários ou pelo menos em algum momento. O machismo cria uma cultura que dá a qualquer homem o poder de limitar as aspirações de qualquer mulher. Permite que controlem suas escolhas e seus destinos. Tão acostumados a agredir, sequer percebem o que fazem, ou as prejudicam sem maiores consequências.

Na obra, esses agressores (nada mais do que o farmacêutico bigodudo ou um jovem universitário) são construídos de maneira muito semelhante ao que o leitor pode encontrar em seu dia a dia.

As protagonistas Eurídice e Guida — assim como Zélia, Filomena, Maria Rita, Das Dores e as demais personagens do livro — lutam contra as condições que lhe são impostas, mas sua resistência se dá dentro de uma estrutura que as oprime e reduz. É como respirar profundamente usando espartilho. Com muito custo dá-se um suspiro que nunca é completo, muito menos satisfatório.

Então o leitor intrigado se pergunta como aquelas mulheres — tão promissoras — conseguirão quebrar esse ciclo de abuso e silêncio. Muitas não quebram. Mas o modo como algumas delas o fazem revela não apenas força, mas também o quanto a união entre mulheres — sobretudo numa sociedade que as reprime —

pode ser poderosa dentro de sua singeleza. Mesmo que não seja capaz de torná-las protagonistas de algo maior do que as paredes do lar.

Um livro que oferece ao jovem leitor um olhar mais generoso em relação às mulheres de gerações passadas, atentando-o para a semelhança entre práticas antigas e atuais. Como Martha revela logo no começo da narrativa “Eurídice e Guida foram baseadas na vida das minhas, e das suas avós”.

E que vida.